

livro chamado *Gestão Racional da Natureza*, que trata o meio ambiente como uma coisa que se administra.

P- Tem um outro contraponto que eu quero colocar aqui, não qualificando de utópico ou idealista, mas o que nós temos também nas argumentações do desenvolvimento econômico na questão econômica, a necessidade de gerar trabalho e renda para manter essas milhares de pessoas. Se nós deixássemos, por exemplo, a montanha intocável, vem o outro lado: será que tem como manter a paisagem natural e ao mesmo tempo ter alternativas de desenvolvimento?

R- Existem muitos outros caminhos possíveis, que não Bush, que não Bin Laden. Isso não significa que temos que voltar a viver como os ianomâmis. Mas também é preciso mudar nosso jeito de viver. É curioso porque nós fazemos uma apologia da racionalidade e isso é irracional – eu não uso essas expressões. Aquilo que hoje é sinônimo de atraso, amanhã pode ser uma grande alternativa. Por exemplo, Portugal, que era o primo pobre da Europa há 15 anos, não se industrializou, não fez uma série de mudanças que os outros países europeus fizeram e era considerado um país de terceiro mundo na Europa. Hoje, Portugal está em pé de igualdade em relação a outros países e curiosamente foi possível esse salto através de coisas que foram mantidas, como por exemplo, a agricultura familiar e a produção artesanal. Então, aquilo que era o símbolo do atraso, do colono que trabalha de enxada, acabou sendo a volta por cima. Tem um autor português, que lida muito bem com isso, que é o Boaventura dos Santos, que fala desse salto de Portugal da pré-modernidade para a pós-modernidade. Além das ações individuais são necessárias também ações coletivas, ações políticas e públicas dos governos, para decidirem como é que vão distinguir os seus recursos, que tipo de incentivo é preciso.

P- No seu livro mais recente, Ponte Pênsil, o senhor enfatiza a importância da paixão e da necessidade que o ser humano teria que se livrar das imposições, das amarras que o impedem de apaixonar-se. No seu entendimento, a destruição do meio ambiente, as guerras, o terrorismo e as discriminações teriam a ver com uma espécie de ausência de paixão?

R- Acho que não é por ausência de paixão. Se tu ouvires a defesa de alguém que acha que a alternativa para a metade sul é lavouras de eucalipto, às vezes tu vês um empresário, um executivo defendendo aquilo apaixonadamente, tomado de emoção. Então, eu acho que não é por falta de paixão. É por um determinado tipo de emocionar-se. O que decorre dessa emoção é o que faz a diferença. Você pode se apaixonar por uma causa de solidariedade, a diferença vai ser no resultado. Assim, como você pode se apaixonar pela guerra, a consequência vai ser a morte e a destruição, mas ela é uma atitude condicionada por uma emoção. Isso tem muito a ver com uma coisa que eu estou estudando de uns tempos para cá, que é sobre a origem do ser



humano, que não a razão, mas sim a emoção. Isso reverte de ponta cabeça a filosofia ocidental, o jeito de pensar a educação, a partir de espaços emocionais e isso quer dizer que nem toda a emoção te leve a coisas boas.

P- Um de seus poemas diz que na vida, como na ponte pênsil, melhor é pisar em falso. Que conotação o senhor pretendia dar com esse pensamento?

R- Que não há como pisar firme na vida, porque nós nunca sabemos onde estamos pisando. E a metáfora da ponte pênsil é que para atravessá-la não pode ser em linha reta, deve-se colocar um pé de um lado depois o outro, é preciso acompanhar o balanço dela. Então, é mais ou menos como andar em uma das embarcações aquáticas mais perfeitas que são as canoas, como as feitas pelos nativos pataxós. Porque eles fazem a canoa preparada para virar, porque é impossível não virar. Vai depender do tamanho da onda. Então, eles fazem uma canoa para acompanhar o balanço do mar. Na ponte pênsil, para atravessar você terá que andar em falso. Nesse sentido. E aí a vida é como a ponte, e são poucas as coisas da vida que podemos ter completa certeza. Podemos até achar que temos, mas muitas vezes não temos. O sentido é um pouco metafórico e que perpassa boa parte das poesias. Esse jogo da verdade com a não-verdade, do concreto com o abstrato, do dentro do fora, do claro do escuro, da morte da vida.

P- Em outro fragmento, o senhor aconselha que "se é o prazer o que deseja, não sigas o conselho da mãe, ordens do papai, vontade de marido, nem passe perto de igreja". Segue adiante e diz que "se é felicidade que se busca, joga fora as religiões". Na primeira parte seria um convite ao individualismo? Na segunda, uma oposição frontal às doutrinas religiosas?

R- Nem uma coisa nem outra, porque não tem como ser alguém, sem ser individual. Se adjetivasse seria individualismo, sim, mas que é diferente de egoísmo. Vamos

começar pela primeira parte, exemplificando. Uma amiga minha resolveu que queria se separar. Então, a primeira pessoa que ela contou foi para a mãe dela. A resposta da mãe foi: ruim com ele, pior sem ele. Quer dizer, tem coisas que tu não deves contar para pai e mãe. Perguntar para um padre, a resposta seria certa também. Pode até ser uma resposta diferente, mas são questões ontológicas (*), quase que inerentes ao exercer daquela função, assim como o professor. Aí estão os conflitos das gerações. Muitas vezes é fácil perceber isso pelo discurso que nós professores temos, em relação à educação, do professor com o estudante. E é possível ver qual são as minhas atitudes com os meus alunos, que são às vezes antagônicas. A outra parte não é

uma oposição à religião, até porque seria desnecessário um antagonismo às crenças religiosas, não tem como ser e não adianta. Se a pessoa crê, tem fé e pratica determinada religião, não adianta eu ser contra. Isso se eu quisesse, mas eu não quero. A religiosidade é uma emoção humana, não se sabe qual a cultura que não pratique algum tipo de religião. Em muitos casos isso ajuda a pessoa a se encontrar, transpor as dificuldades. E eu falo tranquilamente que não tenho religião, e sempre brinco que me foi negada essa possibilidade. Meu pai era comunista e ateu – até hoje não consigo entender como existe comunista e cristão. Então, muito cedo eu virei comunista e aprendi que Deus era uma invenção da burguesia, para nós sermos dominados e aquela história toda. Convivo muito com pessoas religiosas, inclusive tem uma aluna minha que diz que reza por mim todas as noites, porque ela acredita. Então, vai adiantar eu dizer para ela não fazer isso? Eu jamais vou pedir isso. E não me faz nenhum mal, mas não penso que alguma coisa ruim ou boa me acontece em função da reza dela. Então, é mais no sentido provocativo que escrevo. Aí vem a relação com a poesia, que é uma possibilidade de tu convidares as pessoas a refletirem sobre as coisas. Porque quando tu escreves alguma coisa é teu até o momento em que alguém lê. Tu

tens intenção quando escreve uma crônica, por exemplo, mas às vezes as pessoas se mobilizam por outra coisa que está no teu texto. O leitor é livre e feliz, já o escritor não. Porque o leitor lê o que quer, mas o escritor escreve o que consegue.

P- Durante muitas décadas, os intelectuais, principalmente os que posicionavam ideologicamente à esquerda viveram sob a utopia socialista, que seria traduzida por um mundo mais justo e solidário. O senhor ainda acredita nessa utopia e se não, qual deveria ser, na sua opinião, a grande utopia a ser seguida?

R- Hoje eu vivo mais tranquilo quanto a esses dilemas, mas teve épocas que era mais complicado. Eu vivi desde os 13 anos até os 42 na militância. Para eu sair disso foi muito difícil. Pelo ponto de vista existencial e também por questões de pressões. Quando tu participas disso, tu estás rotulado e tudo que tu falas é marcado como neoliberal, por exemplo. É como uma chaga. E ser alguém de esquerda é pior, porque tu és mal visto pelos de direita e também pelos companheiros da esquerda. Em qual deles é o julgamento mais perverso, eu não sei dizer, mas se eu tivesse de ser julgado hoje, gostaria que fosse pela direita. Acho que os requintes de crueldade da esquerda são maiores, em função da questão da paixão. Eu hoje prefiro discutir com alguém de direita sobre o que eu escrevo, do que alguns ex-companheiros, por causa da emoção que está envolvida. Mas diria que hoje eu estou mais radical do que quando eu era comunista, quando participava da luta armada. Porque hoje eu defendo coisas mais difíceis, que devem ser argumentadas publicamente, antes não precisava. A questão da educação, por exemplo. A universidade era coisa para a burguesia, nós queríamos montar uma universidade marxista, de caráter popular, tínhamos um projeto. Ao mesmo tempo em que eu continuo indignado com questões dos direitos humanos, econômicas, ecológicas e de higiene. Uma cidade que tem passe livre e no dia que a população vem para a o centro, fecham as lojas. Eu não me conformo e digo isso de forma radical e coisas que têm importância hoje, não tinham naquela época. O mais importante é ter opinião sobre as coisas e ter espaço para criticar. Acredito ser um desrespeito a todas as pessoas que lutaram pela democracia e por esses espaços, inclusive a quem morreu por isso, o cidadão não questionar. Santa Maria é uma cidade que precisa ter mais discussão sobre os grandes temas. A própria questão do meio ambiente, junto com o aquecimento global e das lavouras de eucalipto são temas que devem ser debatidos. Então, são utopias no sentido de que tu podes mudar esse mundo. Não só pode como está mudando, mas pode estar mudando para pior. Se eu pensar no desenvolvimento sustentável num contexto mundial, eu estou idealizando um planeta melhor. Eu ainda acredito e não abro mão disso.

(*)Ontologia - Filos. Características comuns a determinados seres humanos